



ARTUR MACHADO / GERMAL IMAGES

75% do emprego em Portugal estão em setores com baixa produtividade

## Salários de mil euros perderam 42% de poder de compra

Jovens qualificados são empurrados para fora porque o tecido empresarial não acompanhou a sua evolução

**Sónia Santos Peretra**  
sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

**TRABALHO** Foi há quase vinte anos que surgiu o termo *mileuristas* para designar os jovens altamente qualificados que entravam no mercado de trabalho com um salário de mil euros. Passaram duas décadas e o problema mantém-se no essencial. E, ao longo deste período, houve uma real perda de poder de compra. Como aponta o economista João Cerejeira, “para comprar o mesmo que se comprava em 2002 com um salário de mil euros, seria necessário hoje um salário de 1422 euros”, ou seja, mais 42%.

Nestes vinte anos, os salários pouco subiram e muitos congelaram, principalmente no período da troika. A grande exceção foi o salário mínimo nacional, que duplicou. Em 2022, 56% dos trabalhadores recebiam um salário inferior a mil euros. Nos mais jovens, a percentagem era de 65%.

Há três dimensões que explicam a existência destes *mileuristas*. O professor da Universidade do Minho lembra que o número de

alunos do Ensino Superior registou um crescimento exponencial e o efeito foi o aumento da oferta no mercado de trabalho dos mais qualificados. Em simultâneo, as universidades diversificaram as propostas educativas. Estes movimentos criaram “uma maior heterogeneidade nos retornos económicos dessas formações. O que notamos, nos estudos mais recentes, é que a dispersão dos salários de quem acaba o curso é maior do que era há uns anos”. No cerne, temos “o fraco crescimento da economia portuguesa

### SOLUÇÕES

#### Industrialização

José Reis defende “a óbvia necessidade de industrialização em setores de criação de valor e de uma terciarização qualificada”.

#### Impostos

João Cerejeira lembra a pesada carga fiscal sobre o trabalho e as empresas, que precisa de revisão.

desde 2000 até à pandemia”, diz. São 20 anos “de crescimento muito lento”, em que “o emprego aumenta, mas o valor gerado por trabalhador sobe muito pouco. E isso está associado a um crescimento muito lento dos salários”.

#### MUITA EMIGRAÇÃO

O crescimento quase anémico da economia deve-se ao seu padrão de especialização, que se caracteriza pela “presença muito forte no conjunto da atividade económica de ramos com baixa produtividade”, aponta o economista José Reis.

A realidade é que “75% do emprego está em ramos com produtividade igual ou inferior a 90% da produtividade média, alguns até bastante inferior”. A consequência é a emigração. José Reis lembra que, desde 2011 para cá, a média anual de emigrantes aproxima-se dos 100 mil. As empresas “acantonam-se no lado fácil da economia. Os grandes protetores da classe empresarial são os trabalhadores que são incorporados nessas empresas através de níveis salariais muito baixos”.